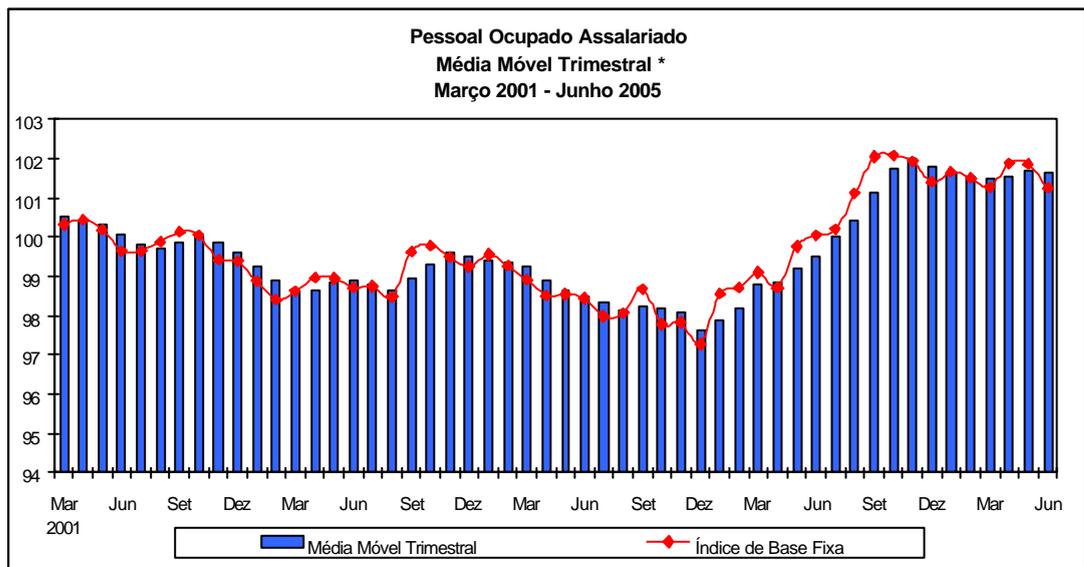


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em junho, na série livre de influências sazonais, o emprego industrial apresentou decréscimo de 0,6% em relação a maio de 2005. Com isso, a trajetória apontada pelo gráfico de média móvel trimestral não se alterou, uma vez que a variação entre os trimestres encerrados nos dois últimos meses foi nula. A comparação do segundo trimestre do ano, com o trimestre imediatamente anterior, mostra acréscimo de 0,2% no nível de emprego, revertendo a queda de 0,3% assinalada entre o último trimestre de 2004 e o primeiro deste ano.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

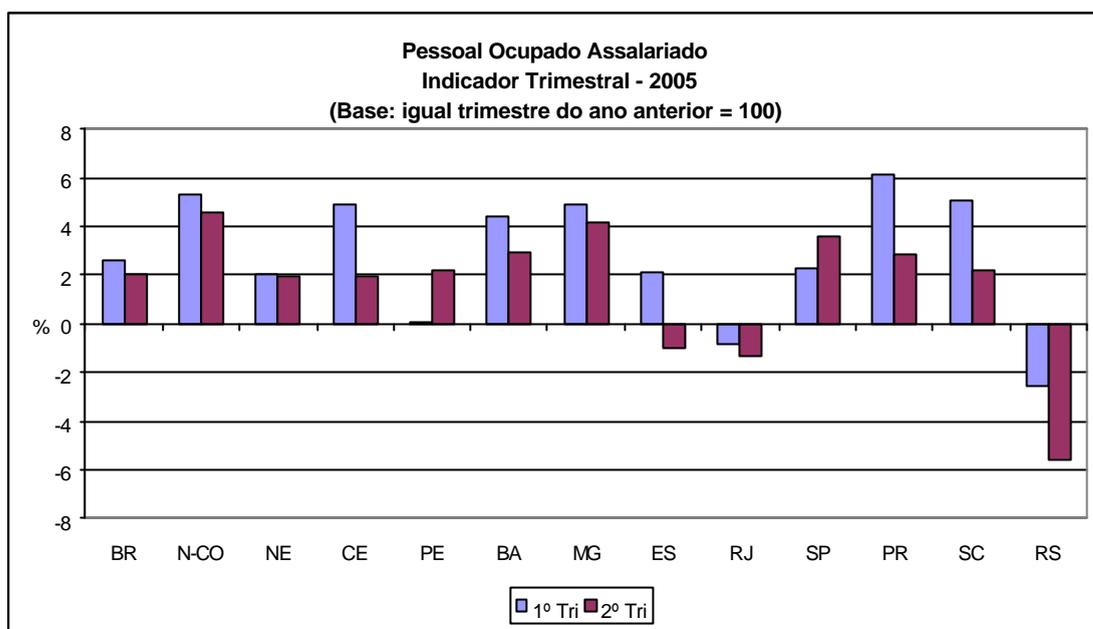
Os demais indicadores permaneceram positivos: 1,3% no índice mensal, 2,3% no acumulado no ano e 2,9% no acumulado nos últimos doze meses. Os índices trimestrais, na comparação com igual período do ano anterior, apontam perda de ritmo uma vez que seu resultado passa de 2,6% no primeiro trimestre, para 2,1% no trimestre seguinte.

O emprego industrial, em relação a junho de 2004, se expande 1,3%, mantendo uma seqüência de dezesseis meses com resultados positivos. Dez locais, dos quatorze pesquisados, e

nove dos dezoito setores registram ampliação no número de pessoas ocupadas. Os principais destaques regionais foram São Paulo (2,6%) e Minas Gerais (3,6%), devido ao aumento das contratações verificadas em dez e onze segmentos, respectivamente. Na indústria paulista, alimentos e bebidas (10,8%) e meios de transporte (10,9%) foram as contribuições positivas mais relevantes e na indústria mineira, produtos de metal (37,6%) e meios de transporte (13,3%).

Em nível nacional, os setores articulados à agroindústria e à produção de bens de consumo duráveis sobressaíram com os principais aumentos: alimentos e bebidas, com taxa de 8,2% e meios de transporte, com 9,9%. Em sentido contrário, a indústria de calçados e artigos de couro figura novamente como a principal pressão negativa (-12,1%) no total do país e também no Rio Grande do Sul, estado que representou o principal impacto negativo entre as áreas pesquisadas. O decréscimo no segmento de calçados e artigos de couro no Rio Grande do Sul foi de 21,3%, principal impacto negativo na formação taxa geral daquele estado (-6,6%).

A análise em bases trimestrais mostra que, no confronto 2005/2004, o emprego industrial vem crescendo em ritmo mais moderado. Observa-se uma redução na taxa do indicador, entre o primeiro trimestre (2,6%) e o segundo (2,1%), movimento que alcançou onze dos quatorze locais pesquisados, sendo particularmente intenso no Rio Grande do Sul, onde passa de -2,6% para -5,6% entre os dois períodos. Trajetória inversa foi verificada em São Paulo, que aumenta o ritmo de contratações na passagem do primeiro (2,3%) para o segundo trimestre do ano (3,6%) e em Pernambuco (de 0,1% para 2,2%).



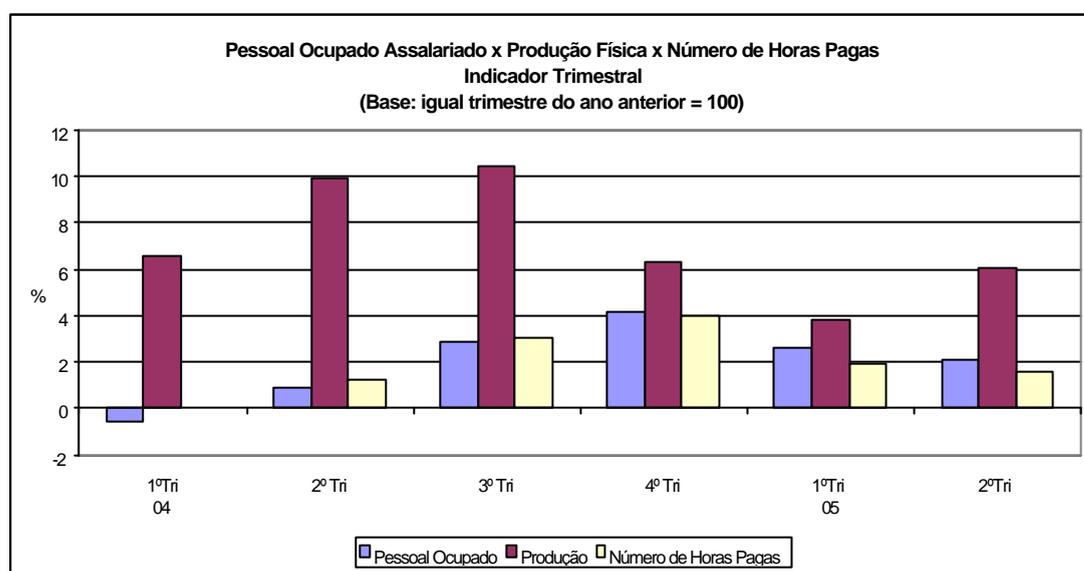
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

Ainda na análise trimestral, no que se refere aos índices, para o total do país, em onze segmentos observa-se redução no ritmo de contratações entre o primeiro e o segundo trimestres deste ano, com destaque para máquinas e equipamentos (de 7,5% para 1,0%), madeira (de 0,4% para -7,1%) e calçados e artigos de couro (de -7,1% para -10,8%).

No acumulado no primeiro semestre, o aumento do número de pessoas ocupadas é de 2,3%. No total do país, onze setores sobressaíram com influência positiva, sendo as mais relevantes as de: alimentos e bebidas (7,0%), meios de transporte (12,1%) e máquinas e equipamentos (4,2%). Por local, as contribuições mais importantes entre os doze que ampliaram seu contingente de trabalhadores vieram de São Paulo (3,0%) e Minas Gerais (4,5%). Por outro lado, Rio Grande do Sul (-4,1%) e Rio de Janeiro (-1,1%) foram os locais onde se observou recuo no nível de emprego, enquanto em termos setoriais, no total do país, os principais decréscimos foram verificados em calçados e artigos de couro (-9,0%) e vestuário (-3,5%).

A trajetória do indicador acumulado nos últimos doze meses é estável, apresentando, pelo terceiro mês consecutivo, variação positiva de 2,9%.

Em síntese, os indicadores trimestrais mostram que, até o terceiro trimestre de 2004, a expansão do número de horas pagas e do pessoal ocupado acompanhou a tendência crescente da produção. No quarto trimestre de 2004 observa-se perda de dinamismo na produção mas o emprego e o número de horas pagas continuaram em trajetória ascendente. A nova redução no ritmo da produção, observada no primeiro trimestre deste ano, dá início a movimento semelhante nos índices de emprego e horas pagas, movimento esse que se mantém no trimestre seguinte, mesmo com a produção apresentando elevação no seu ritmo de atividade.

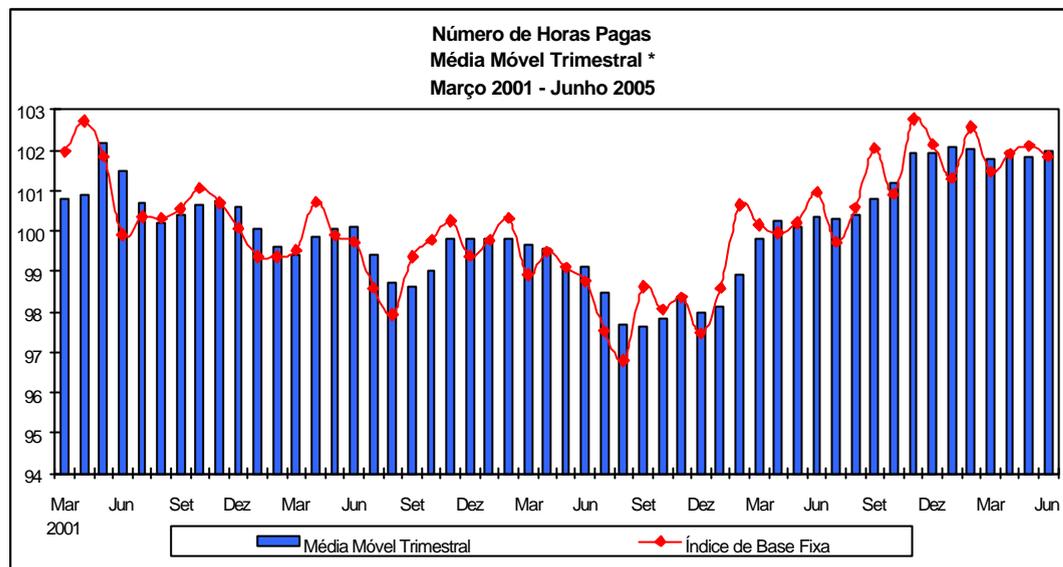


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em junho, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria apresentou variação negativa (-0,2%) em relação a maio, na série livre dos efeitos sazonais. A comparação com igual mês do ano anterior registrou alta de 1,0%, e os indicadores para períodos mais abrangentes assinalaram crescimento de 1,8% no acumulado no ano e de 2,7% no acumulado nos últimos doze meses. A jornada média de trabalho assinalou recuo em todas as comparações: o indicador mensal exibiu variação negativa (-0,2%), o acumulado no ano decresceu em 0,5% e acumulado nos últimos doze meses registrou variação negativa de 0,3%.

Acompanhando o movimento observado no emprego industrial, o indicador de média móvel trimestral permanece estável, com variação positiva de 0,1% entre os trimestres encerrados em junho e maio.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Segundo o indicador mensal, o número de horas pagas da indústria teve acréscimo de 1,0%, em decorrência, principalmente, dos desempenhos positivos de dez dos quatorze locais e oito dos dezoito ramos pesquisados. No corte setorial, os maiores incrementos vieram das atividades de alimentos e bebidas (9,3%), meios de transporte (10,4%). Por outro lado, os impactos negativos mais relevantes foram observados em calçados e artigos de couro (-11,9%) e madeira (-9,9%).

Ainda na comparação com junho de 2004, os locais que apresentaram os maiores impactos positivos no resultado nacional foram São Paulo (1,9%), Minas Gerais (4,5%) e Região Norte e Centro-Oeste (4,0%). Na indústria paulista, dez das dezoito atividades pesquisadas aumentaram o número de horas pagas, com destaque para alimentos e bebidas (11,3%) e meios de transporte (10,5%). Em Minas Gerais, produtos de metal (37,5%) e meios de transporte (20,8%) exerceram as maiores pressões positivas. Na região Norte e Centro-Oeste, o aumento mais expressivo veio do segmento de alimentos e bebidas (17,6%). A maior influência regional negativa na formação do

índice nacional veio do Rio Grande do Sul (-7,4%), onde sobressaiu a atividade de calçados e artigos de couro (-21,5%), entre os doze resultados negativos.

Os resultados trimestrais mostram ligeira redução no ritmo do índice do número de horas pagas na passagem do primeiro trimestre do ano (1,9%) para o segundo (1,6%), movimento observado em oito atividades, marcadamente em calçados e artigos de couro, que passa de -9,2% para -10,6% entre os dois períodos, e madeira (de -0,2% para -8,7%).

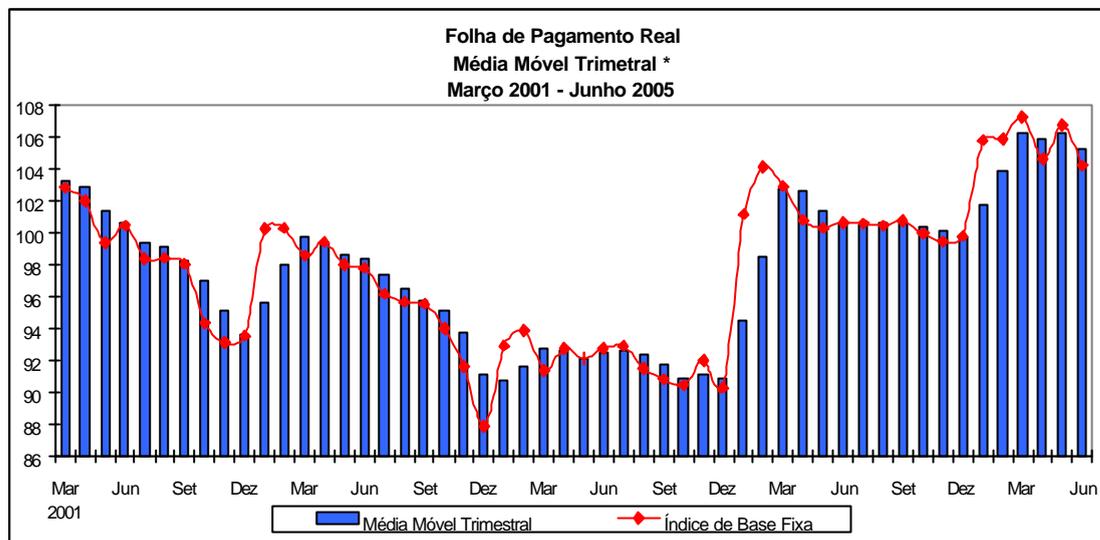
O indicador de horas pagas da indústria, no fechamento do primeiro semestre, assinala alta de 1,8%, refletindo as contribuições positivas de dez locais e nove setores. As áreas que apresentaram os maiores impactos positivos foram São Paulo (2,2%), Minas Gerais (4,8%) e região Norte e Centro-Oeste (4,4%). Os estados do Rio Grande do Sul (-5,6%) e Rio de Janeiro (-2,1%) exerceram as maiores pressões negativas. No que tange aos ramos pesquisados, os incrementos mais relevantes, no total do país, vieram de alimentos e bebidas (7,4%) e meios de transporte (11,2%). Por outro lado, as indústrias de calçados e artigos de couro (-9,9%) e vestuário (-3,1%) foram as principais contribuições negativas.

O índice acumulado nos últimos doze meses prossegue estável com crescimento de 2,7%, resultado muito próximo dos dois meses anteriores: 2,8% em maio e 2,7% em abril. Doze das quatorze áreas e também doze dos dezoito setores industriais pesquisados aumentaram número de horas pagas.

FOLHA DE PAGAMENTO

Após o avanço observado em maio (2,0%), o valor real da folha de pagamento apresentou retração de 2,4% no mês de junho em relação ao mês imediatamente anterior, já descontadas as influências sazonais. Este movimento se reflete tanto no indicador de média móvel trimestral (-1,0%),

comparação entre os trimestres encerrados em maio e em junho, como no índice do trimestre contra trimestre imediatamente anterior, onde observa-se redução de 1,1% entre o primeiro e o segundo trimestres.



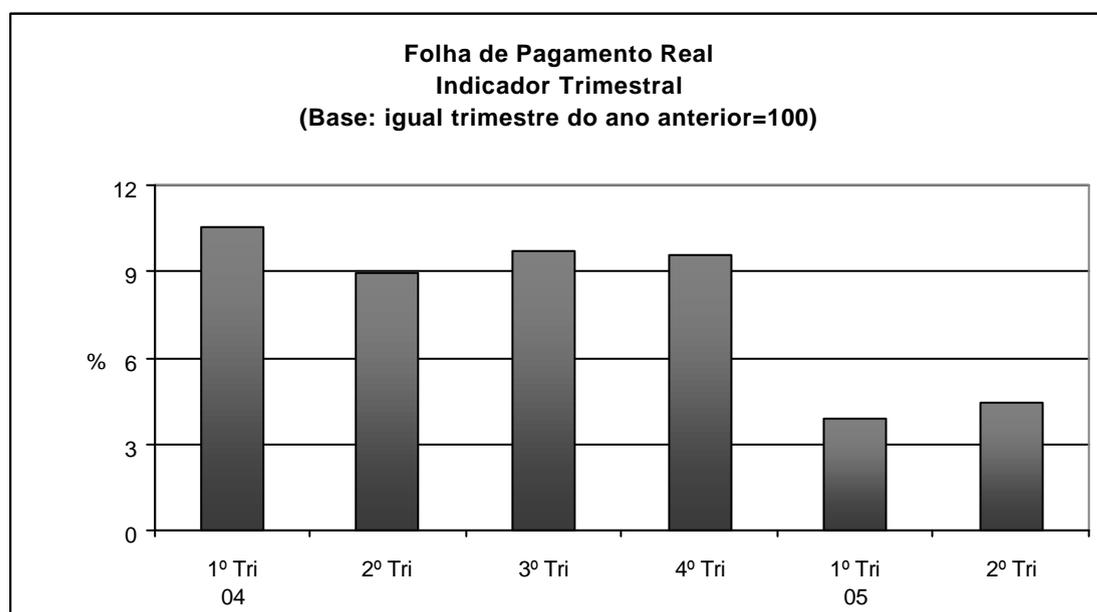
Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Nas comparações com iguais períodos do ano anterior observa-se crescimento no valor real da folha de pagamento em todos os confrontos: 3,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior; 4,4% no segundo trimestre de 2005 contra igual período do ano anterior; 4,2% no acumulado do primeiro semestre do ano; e 6,9% nos últimos doze meses. Este comportamento de expansão também ocorreu nos indicadores referentes à folha real média de pagamento: 2,0% no mensal, 1,8% no acumulado do primeiro semestre e 3,9% no acumulado nos últimos doze meses.

O crescimento de 3,3% observado em junho, no indicador mensal do valor da folha de pagamento real é consequência, sobretudo, da expansão em doze das dezoito atividades pesquisadas. Os principais destaques positivos na composição do índice global foram meios de transporte (10,2%), alimentos e bebidas (7,5%) e produtos de metal (15,1%). Por outro lado, os maiores decréscimos vieram de papel e gráfica (-9,1%) e calçados e couro (-10,3%). Regionalmente, a maior parte (doze) dos locais pesquisados apresentou acréscimo, com destaque

para São Paulo (2,7%), devido, sobretudo, ao crescimento em meios de transporte (8,0%) e alimentos e bebidas (12,3%); e Minas Gerais (9,4%), conseqüência, em grande parte, do aumento em meios de transporte (33,3%) e em produtos de metal (75,1%). Apenas dois locais contribuíram negativamente para o valor real da folha de pagamento, sobressaindo o Rio Grande do Sul (-0,8%) devido, principalmente, ao resultado adverso de calçados e couro (-17,5%).

Na análise trimestral, segundo os índices que comparam o trimestre contra igual período anterior, após a desaceleração ocorrida na passagem do último trimestre do ano passado (9,6%) para o primeiro de 2005 (3,9%), observa-se ligeiro incremento neste segundo trimestre do ano (4,4%). Para este movimento contribuíram dez ramos industriais, sendo importante mencionar: produtos de metal (de 2,5% para 14,3%), metalurgia básica (de 1,8% para 8,3%) e alimentos e bebidas (de 8,0% para 9,9%). Já os principais destaques nos locais ficaram com São Paulo (de 2,1% para 5,0%) e Rio de Janeiro (de 4,1% para 14,6%).



Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no primeiro semestre do ano cresceu 4,2%, fruto sobretudo da expansão em doze das dezoito atividades pesquisadas, com os principais impactos positivos sendo observados em meios de transporte (11,1%), alimentos e bebidas (9,0%) e máquinas e

equipamentos (8,5%). Já entre os ramos que reduziram a produção, papel e gráfica (-8,2%) e minerais não-metálicos (-6,1%) sobressaem com as maiores contribuições negativas para a composição do indicador global. Na análise regional, São Paulo (3,5%) e Minas Gerais (10,3%) figuram como os maiores impactos positivos no total do país, devido às atividades de meios de transporte (11,7%) e de alimentos e bebidas (18,2%), no primeiro; e produtos de metal (74,0%), no segundo. Por outro lado, somente dois locais apresentam contribuições negativas; valendo destacar Pernambuco (-1,9%), devido sobretudo ao comportamento do setor de alimentos e bebidas (-7,7%).

Em relação à folha real média de pagamento, o indicador acumulado no primeiro semestre de 2005 apresentou crescimento de 1,8%. Regionalmente, nove localidades apresentaram crescimento, sobressaindo, em termos da magnitude da taxa, Rio de Janeiro (10,4%), Minas Gerais (5,6%) e Espírito Santo (5,2%). Entre as dezoito atividades pesquisadas, dez expandiram o valor da folha de pagamento real média e as que mais sobressaíram foram indústria extrativa (9,0%), produtos de metal (5,0%) e vestuário (4,9%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses confirma, na passagem de maio (7,4%) para junho (6,9%), o movimento de desaceleração no ritmo de crescimento do valor real da folha de pagamento que se mantém desde janeiro. Este comportamento é observado na maior parte (quatorze) das atividades e em todos os locais pesquisados.